

Cristianismo Integral

13.X.346

159

Depois de forçada interrupção, eis-nos de novo em contacto com os nossos leitores, a tratar de assuntos que a todos nos interessam, em simples e ligeiras considerações sobre os problemas candentes dos nossos dias. A vida é perpetuo movimento. Parar é morrer. O Espírito não pára porque não morre. Repensar os problemas dia a dia, eis a grande tarefa de quem sabe pensar.

O cristianismo, que revive por toda a Europa uma inesperada e surpreendente florescência, mais do que qualquer ideia-força também não pode parar. A estagnação das ideias e da vida é o princípio da derrota.

Muitos cristãos estagnaram em meia dúzia de ideias traçadas no Evangelho, esquecidos ou ignorantes de que elas não são o Evangelho todo, nem sequer talvez uma pequena parte dele. Por isso se escandalizam quando ouvem palavras diferentes das que aprenderam na leitura superficial dos livros ou nas longas exposições das homilias. No fundo são outras verdades, ou a mesma verdade escrita e proferida doutro modo.

Os que vivem mais de perto a sua fé, sabem de Cristo estas palavras: «aprendei de mim que sou manso e humilde do coração». O Sermão da Montanha também lhes ensina que os mansos serão bem-aventurados e que é necessário oferecer uma face a quem feriu a outra. E daí concluem, na estagnação das suas ideias, que todo o Evangelho nos obriga à mais pavorosa das atitudes, a uma quase indolência, ao conformismo idiota dos que não são capazes de nada. Não sabem, ou esquecem que são também do Evangelho as palavras ardentes do Messias: «o Reino dos céus sofre violência e os violentos o arrebatam». Mansidão e violência, calma e tempestade, vida numa palavra, eis o Evangelho, eis o cristianismo.

«Bem-aventurados os pacíficos», lê-se também no Sermão da montanha. E, quando Pedro puxou da espada, no Jardim das Oliveiras e arrancou a orelha a Malto, não se fez esperar a repreensão de Cristo: «Pedro, mete a espada na sua bainha, porque aquele que matar com a espada, pela espada morrerá». E muitos concluem que o Evangelho os ensina a ser apáticos, moscas-mortas, moles e lânguidos como se a vida cristã houvesse de ser uma tranquila viagem nas águas estagnadas do «Mar-Morto». Esquecem-se ou ignoram que são também de Cristo estas palavras. «Eu não vim trazer a paz, mas a espada». São Paulo, compreendeu-o muito bem, na sua linguagem forte de militar que, ao fim da vida, podia escrever: «combati o bom combate». Paz e espada, numa palavra, a vida em perpetuo movimento, eis a civilização cristã.

«Se vos não fizerdes como as crianças, não entrareis no Reino dos Céus». O modelo é a inocência das crianças, a sua ingenuidade e candura, que não cuida mal nem sabe defender-se da malícia. Mas logo ficamos surpreendidos ao ver o mesmíssimo Cristo dar aos seus discípulos como modelo a astúcia da serpente: «sede prudentes como serpentes».

Contradições de quem se esqueceu do que antes dissera? Laços armados à boa fé das multidões? Ou antes movimento, vida, progresso, ascensão, continuada para a perfeição?

O cristianismo é uma aliança, uma fusão do divino com o humano, da força com a fraqueza, da água com o fogo, da paz com a guerra. Por isso mesmo, é alguma coisa de apaixonante para quem o compreendeu, de pesado para quem o serve por temor, de louco para quem só o viu por fora, de utilitário para quem nele se enquadra por interesse.

Só os primeiros são capazes de o viver e de morrer por ele. Todos os outros o deturpam, o prendem, o arrastam ao pelouro da ignomínia, mesmo quando se julgam seus amigos e defensores.

Na sua dupla face de paz e de espada, de mansidão e de violência, de inocência e de astúcia, é sinal de contradição para os que não o conhecem como ele é. Confundem-no ora com o comunismo ou o fascismo, ora com a burguesia e o conservantismo. Para uns é o defensor dos pobres, para outros a capa dos ricos. Defende a propriedade e ataca os capitalistas. Monárquico na sua organização, republicano e democrático na sua vida. Pobre no seu espírito, opulento no seu culto externo. Sem o compreenderem, como ele é, cada qual o julga adaptado a si mesmo. Vendo-lhe apenas uma das faces—ou a humana com todas as suas misérias, ou a divina com todos os seus mistérios—muitos se julgam cristãos, quando, afinal só o pode ser quem o tenha conhecido integralmente.

Nas suas páginas de infinita doutrina, o Evangelho é todo ele um grito de guerra contra os que o encaram só pelo lado que lhes convem ou que melhor se lhes adapta aos seus ideais. E daí, a luta de ideias mesmo entre cristãos, a contradição das vidas dos que pensam ser cristãos, e a terrível batalha dos que desejam libertar o Evangelho da política e da economia contra os que querem amarrá-lo a uma e outra.

Um escritor via o cristianismo desta maneira ascensional: água, vinho, sangue, fogo, Espírito. Água, símbolo da purificação; vinho, símbolo da comunhão; sangue, símbolo do martírio; fogo, símbolo do amor; Espírito, realização da Vida. Por outras palavras também se poderia dizer: aperfeiçoamento de cada um; colaboração de uns com os outros; sacri-

fício do interesse individual pelo colectivo; amor fraterno entre os homens e as nações; Reino de Deus, segundo as palavras de S. Pedro: «esperamos novos céus e novas terras, onde habitará a justiça».

Quem vê apenas o cristianismo pelos seus óculos tacanhos, inverte a ordem dos termos e acaba por lançar a vida cristã na lama, na lama deste velho mundo onde não reina a Justiça.

O cristianismo quer libertar-se de todos para reconstruir o mundo, e assim preparar o futuro. Que cada um dos cristãos «adaptados» se liberte também do seu meio-cristianismo, para não continuar a trair.

ABEL VARZIM